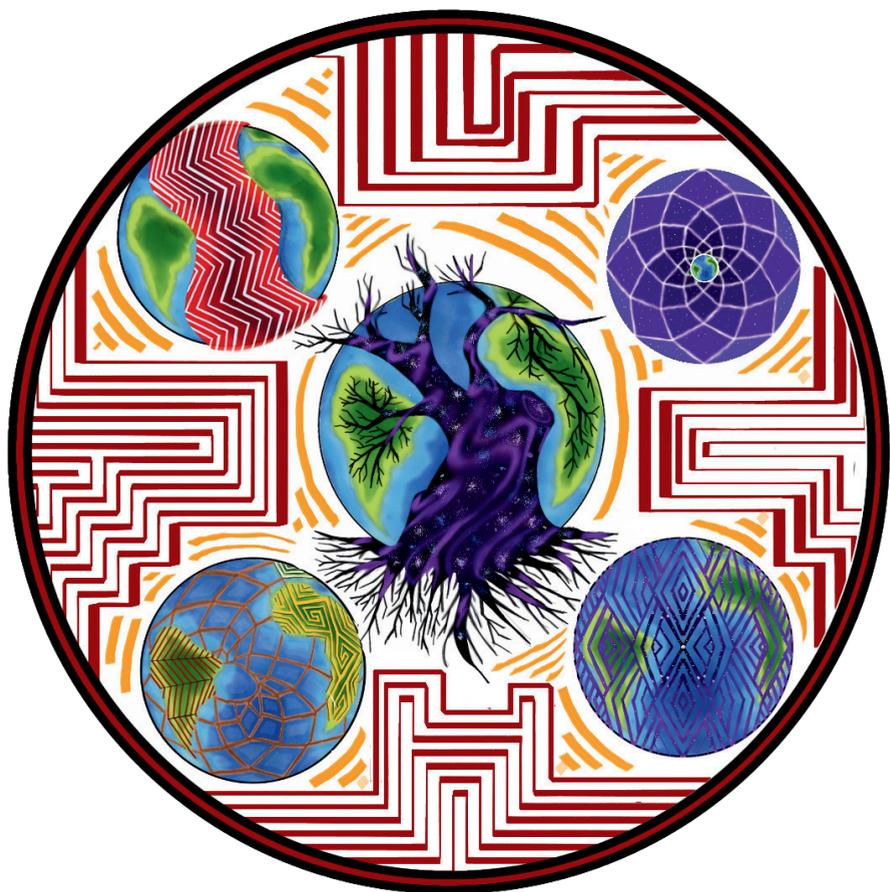
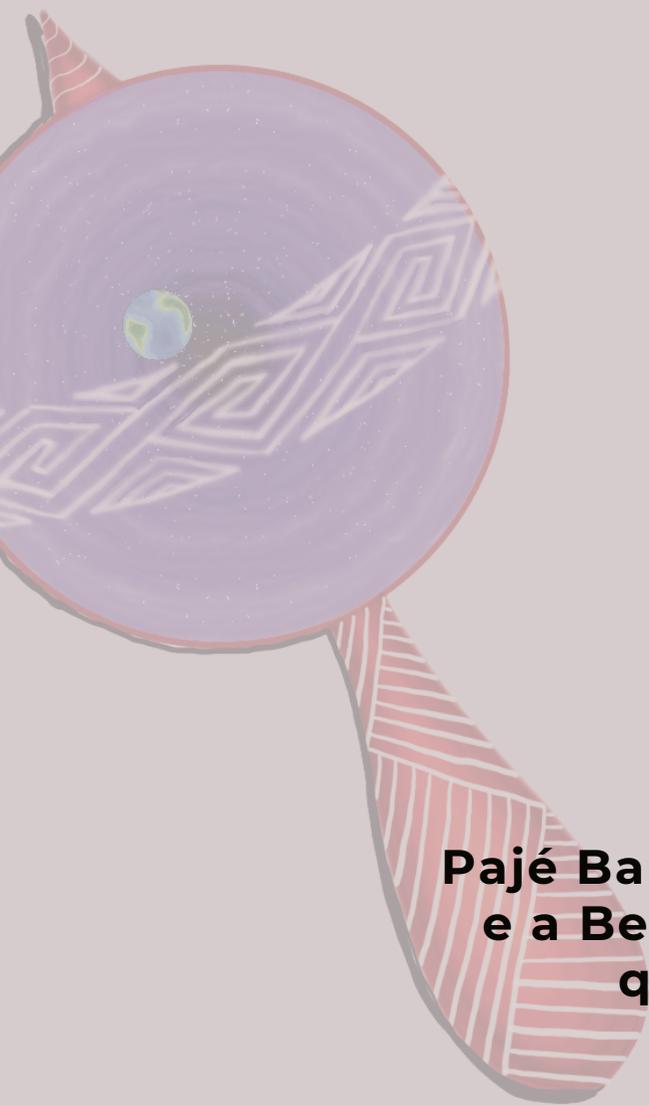


**TEIA DAS
5 CURAS**



**TEIA DAS
5 CURAS**



**Dedicado ao
Pajé Barbosa Pitaguary
e a Benício Pitaguary,
que encantaram.**

CAPÍTULOS

0
INTRODUÇÃO

1
CURA DOS PENSAMENTOS

2
CURA DOS SENTIMENTOS

3
CURA DAS TROCAS

4
CURA DAS RELAÇÕES

5
CURA DA MÃE-TERRA

6
SOBRE O PROJETO



0

CAPÍTULO

INTRODUÇÃO

O

Introdução

A Teia das 5 Curas (T5C) é uma rede de pesquisa e educação que envolve educadores e guardiões de conhecimentos Indígenas do Brasil, do Canadá e do Peru, e o coletivo de arte e pesquisa Gestos Rumo a Futuros Decoloniais (GTDF). No Brasil, participam ativamente da rede representantes dos povos Fulni-ô, Huni Kui, Pataxó, Pitaguary e Tremembé da Barra do Mundaú.

O intuito da rede é buscar formas de se preparar e mitigar os efeitos da queda da casa da modernidade, enquanto outras possibilidades de (co)existência são gestadas.

A casa da modernidade é uma metáfora utilizada para se referir a uma forma de viver e se relacionar. Essa forma foi criada e estimulada pelos brancos europeus responsáveis pela invasão dos territórios

do continente conhecido como América, habitado por povos Indígenas desde milhares de anos antes da chegada destes invasores, que se auto proclamaram "descobridores" (uma grande mentira usada para justificar suas barbaridades).

Essa casa, construída a partir da falsa ideia de que o ser humano é superior e precisa estar separado de todos os outros seres que habitam o planeta, permitiu que natureza fosse transformada apenas em recurso, a ser explorada como bens materiais, sem vida, para serem utilizados pelas poucas pessoas que controlam muitos recursos e capital.

Embora tenha sido construída pelos brancos, muitas outras pessoas também foram contaminadas pelo desejo dos confortos presentes na casa, ignorando o alto custo que muitos seres pagam por isso. Enquanto o consumo para alimentar esses confortos só aumenta, aumentam também as violências contra o planeta e contra guardiões das florestas, dos mares, dos rios e dos animais.

Em todas as partes do mundo, vemos as condições de vida ficarem mais e mais difíceis. A Terra dá sinais claros de que está adoecendo. Os efeitos da casa construída pela modernidade estão impactando a todos, e em especial àqueles que menos contribuíram para chegarmos a este estado das coisas.

Um modo de vida enfermo

O fomento do individualismo, da ganância, da arrogância e da vaidade humana está causando a perda da biodiversidade, a exaustão dos solos, o envenenamento das águas e do ar que respiramos, a mudança dos processos climáticos e a extinção de plantas e animais, o que está nos levando à extinção em câmera lenta. Nosso planeta está doente, a humanidade é parte da doença, e precisamos colaborar com a cura.

Esse processo é difícil e doloroso, mas sem ele, não vamos poder entender porque esse modo de viver, essa casa construída pelo colonialismo, pela arrogância e pretensa superioridade humana está caindo agora.

Se não passarmos por esse processo de aprendizagem difícil, nossos sonhos, esperanças e desejos vão reproduzir as mesmas fantasias que nos trouxeram até aqui.

Anciões Indígenas de diversos povos ao redor do mundo avisaram por várias gerações sobre um tempo no qual a Terra cobraria a dívida da humanidade com ela. A Terra é um organismo vivo com consciência, e nós somos parte desse organismo. A Terra não é um objeto de propriedade de alguém ou um recurso natural para ser manejado. A Terra é mãe. E como parte da Terra, somos uma família enorme de parentes humanos e não humanos (uma família cheia de problemas e relações complicadas).

Muitos povos Indígenas ainda carregam esses ensinamentos, mas esses não são conceitos para serem escritos em livros ou enciclopédias e prontamente transferidos para a mente. Isso é uma forma de viver da qual o intelecto faz parte sim, mas que é também muito mais ampla. Viver em relação direta de cuidado com a terra e com as futuras

gerações não são apenas palavras bonitas. Elas precisam vir acompanhadas de sentimentos, práticas recorrentes e ações voltadas a promover a serenidade, a maturidade, o discernimento e a responsabilidade. Talvez assim, possamos interromper nossa própria caminhada rumo à extinção, que vem sendo acelerada pelo individualismo, pela arrogância, pela vaidade e pela ganância.

Precisamos de uma educação de cura para a humanidade, mas não temos como fazer a cura se não sabemos qual é a doença. Assim, a educação da cura começa como uma educação que ajude a encarar a doença, antes de abrirmos a possibilidade de construirmos algo novo e mais saudável. Isso envolve a desilusão com as promessas e fantasias de progresso, desenvolvimento e civilização. Essa desilusão pode ser difícil e dolorosa, mas perder as ilusões nocivas que mantêm os confortos da casa (e um estado permanente de violência contra seres humanos e não humanos) é um dos mais importantes passos a serem tomados agora.

A própria Terra e os desafios globais do presente são os nossos professores. Podemos começar essa educação agora, por vontade própria, ou podemos esperar as coisas piorarem e começarmos depois, quando não tivermos outra opção. Para isso vamos precisar de muita coragem, muita compaixão, muita humildade, muita paciência. Vamos precisar reativar uma forma de amor esquecida por muitos, mas que está latente dentro de nós.

Neste contexto, a Teia das 5 Curas, rede cujo centramento está na Terra como metabolismo vivo, e não no ser humano, mapeia práticas e processos de cura do pensamento, dos sentimentos, das relações, dos fluxos ou trocas econômicas e do ventre da Mãe-Terra praticados nas aldeias e pelos povos indígenas participantes da Teia.

A seguir, compartilhamos alguns dos aprendizados destes 5 anos de pesquisa, como forma de inspirar conversas e outras maneiras de nos relacionarmos uns com os outros e com a Mãe-Terra.

CAPÍTULO

1

**CURA DOS
PENSAMENTOS**

1 Cura do Pensamento

*Quem deu esse nó não soube dar
Quem deu esse nó não soube dar
Esse nó está atado e eu desato já
Esse nó está atado e eu desato já
Ô desenrola essa corrente deixa o Índio
trabalhar
Ô desenrola essa corrente deixa o Índio
trabalhar*

(Canto de resistência entoado por alguns povos
Indígenas, como os Pitaguary)

Para muitos não Indígenas, o pensamento é visto como algo separado, que praticamente não se relaciona com o resto do corpo. Essa lógica é contestada pelas comunidades da Teia.

Para os Fulni-ô, por exemplo, o pensamento tem matéria, uma existência física e palpável como nossos braços, pernas ou órgãos, e é o local onde reside a força do corpo humano. O pensamento é também o centro da espiritualidade, a conexão com os seres sagrados, e a ponte pela qual nos entregamos aos seres que são invisíveis (porém existentes).

A materialidade do pensamento é reforçada pelos Pitaguary, cujos processos de cura envolvem ativamente o pensar, especialmente em locais sagrados como o terreiro do cajueiro, e a elevação desses pensamentos/matéria através do uso do fogo, das ervas e da defumação. O pensamento do Pajé também estabelece relações de cura, tanto dirigindo-se diretamente para os enfermos como recebendo os pedidos daqueles que necessitam de cura. Existem inclusive ocas de cura voltadas para o pensar no pajé, para que ele possa curar à distância.

Também os Huni Kui percebem a capacidade dos pensamentos de viajar materialmente através do espírito do vento, enfatizando que o trabalho espiritual do pensamento não se restringe a esse tempo de agora, podendo se direcionar para os ancestrais e para o futuro das próximas gerações. Para os antigos do povo, somos capazes de entender tanto os acontecimentos de outros tempos quanto os pedidos da natureza e dos animais (embora essa seja uma capacidade perdida pela maior parte da humanidade).

Os Tremembé da Barra do Mundaú utilizam os cantos e rezos como forma de firmar os pensamentos e receber as mensagens e orientações dos ancestrais, alertando para os perigos da travessia. Como povo do mar, suas canções sempre têm relações com as águas, e são a própria travessia dos encantados e seres de luz.

*"Viajo sete léguas, pelo raio de sol.
Viajo sete léguas, pelo raio de sol.
Em cima daquele morro, faz a praia do
lençol.
Em cima daquele morro, um raio de sol
brilhou.
Em cima daquele morro, foi que um
índio me chamou"*

Para uma pessoa criada e socializada em instituições coloniais, como por exemplo a escola, esse tipo de relação com os pensamentos pode ser vista com desconfiança, ceticismo, e até desacreditada. Esse tipo de comportamento é fruto de uma arrogância cultivada por séculos pelo colonialismo, e precisa ser combatido com vigor.

Ubiraci Pataxó, seguindo essa linha, clama para uma descolonização dos pensamentos e ideias de forma que o conhecimento, ensino e aprendizagem aconteçam para além do espaço acadêmico, e legitime-se o aprender de várias formas. A diversidade na ecologia de saberes e espaços de aprendizagem é o que possibilita pensamentos e fazeres diferentes, e nos afasta dos corpos máquina, poluídos pelo excesso de instruções das normatividades e dos padrões desejados pelas instituições coloniais.

Assim como o corpo, os pensamentos também precisam ser cuidados. Uma das formas de se fazer isso é através de banhos de limpeza, para se livrar de sujeiras e ruídos e produzir uma percepção mais apurada das múltiplas camadas que compõem a realidade, explica Mateus Tremembé.

Para preparar esses banhos, ele continua, é necessário deixar as ervas e a água ao relento durante a noite, para entrar no mistério oriundo da boca da noite e do invisível. A energia do sol, a luz, também são necessárias, mas o pensamento é incompleto sem o encontro com o desconhecível, sem a humildade para encarar de frente os limites do nosso conhecimento.

O povo Pataxó sugere ainda que um dos processos capazes de contribuir para essa limpeza e conseqüente cura dos pensamentos envolve os caminhos pelos quais o pensamento se transforma em fala, e recomenda uma passagem destes pelo coração antes de chegar à boca, para (re)bravar o mundo desbravado e (re)envolver o mundo (des)envolvido. Aqui de novo convidamos para um pensamento com matéria, com corpo integrado, participante e parte da Mãe-Terra.

O pensamento re-envolvido, propõe Rosa Pitaguary, se distancia do pensamento egoísta, “des-envolvido”, focado no indivíduo e em suas próprias necessidades, e se direciona para o coletivo, para o bem-estar de todos e do todo. Não há cura possível para um pensamento focado no indivíduo, porque o pensar da Mãe-Terra é necessariamente coletivo, a serviço de todos os seres. É assim que se expressam por exemplo o sol, a chuva, o vento e o solo fértil no qual germinam as sementes.

Alguns gestos em direção a cura dos pensamentos

Reverência ao mistério do sagrado;

Valorização dos conhecimentos ancestrais
humanos e não humanos;

Encontro de conhecimentos e
desconhecimentos, entre o que sabemos e o
que não sabemos, com humildade;

Reconhecimento do valor das histórias e
tradições orais, e das diferenças entre esse
tipo de conhecimento e o conhecimento
proposto pela "ciência".

2

CAPÍTULO

CURA DOS SENTIMENTOS

2 Cura dos Sentimentos

*Quem deu esse nó não soube dar
Quem deu esse nó não soube dar
Esse nó está atado e eu desato já
Esse nó está atado e eu desato já
Ô desenrola essa corrente deixa o Índio
trabalhar
Ô desenrola essa corrente deixa o Índio
trabalhar*

(Canto de resistência entoado por alguns povos
Indígenas, como os Pitaguary)

Para a cura dos sentimentos, é importante abrir espaço para que traumas individuais e coletivos, históricos e sistêmicos, possam ser curados, de maneira a parar de obstruir a conexão com a Mãe-Terra e o sentimento de pertencimento ao todo. Para o povo Pitaguary, os traumas que carregamos afetam não somente a nós mesmos, e a como vivemos, mas também a como nos relacionamos com outras pessoas.

Processos de limpeza interna, dos corpos coletivos e com a Terra, assim como práticas de liberação das tristezas, angústias, fraquezas, apegos e projeções, e a resiliência e alegria coletivas são alguns dos caminhos traçados pela teia para investigar essa cura.

As angústias e tristezas que carregamos, dizem os anciãos do povo Fulni-ô, são pesos grandes demais para um ser humano carregar sozinho. O enraizamento na Terra é portanto um ponto de partida para a cura dos sentimentos. Desenvolver a capacidade de se entregar e ser curado pelos parentes não humanos como as árvores, os galhos, as folhas e o vento, e pelos afetos e relações estabelecidos com outros animais.

Esse enraizamento não é relativo apenas ao mundo não humano, mas também à própria linhagem, incluindo aqui os ancestrais a quem não conhecemos em corpo físico na Terra. Por diversas vezes durante esse trabalho, vó Joana Pitaguary foi chamada a essa conversa, a partir de seus saberes como parteira e raizeira. Seus cantos, rezas e uso de ervas para cura seguem sendo praticado pelo Pajé e pelos curandeiros e curandeiras do povo.

O povo Huni Kui enxerga essa ligação como um cordão umbilical mantendo os saberes e essências do povo vivos geração após geração. Todo esse cordão umbilical é ligado também ao grande coração da Terra, o verdadeiro coração da humanidade, e a perda dessas conexões leva a enfermidades. Por termos esse coração, temos capacidade (esquecidas nas socializações e instituições dos brancos) de sentir a energia da Terra, da Samaúma, das medicinas, e essa sensibilidade faz o ser humano se mover, enxergar e aprender. O coração alinhado a esse coração da Terra permite ao cérebro expressar os sentimentos verdadeiros quanto ao que vemos, tocamos e ouvimos.

Esse sentir e enxergar corretamente aponta o mundo não humano como essencialmente espiritual e sagrado, e impede que a natureza seja vista como recurso e capital. Para o Cacique Ninawá Huni Kui, é importante lutar contra essa outra enfermidade, do mundo e os seres do mundo serem vistos apenas como materiais.

Quando os anciãos do povo Tremembé, chamados de troncos velhos, fazem sua passagem, costuma dizer-se que eles foram plantados na Terra. Os jovens, por sua vez, são considerados os brotos da Terra, aqueles que podem semear o futuro. Para os Tremembé, a cura dos sentimentos necessita da reciprocidade nas relações com a Mãe-Terra, neste entrelaçamento com os entes queridos. Assim, a cultura alimentar do povo é tanto um gesto de cuidado com a Mãe-Terra, como memória, afeto, cura e nutrição para a luta de proteger a Terra, que é tanto gesto de resistência como de solidariedade.

O povo Pataxó frisa que nós não somos os sentimentos em si, mas estabelecemos relações com eles. Como entidades vivas, esses sentimentos podem ser para nós professores e combustível para nossas ações. Por ser um povo guerreiro, um dos ensinamentos dos Pataxós na relação com os sentimentos é aprender a ser um aliado do medo, e não permitir que ele seja algo paralisante, mas sim algo que nos ajude a parar, recalcular e repensar. Para eles, o processo de se transformar em um guerreiro e ressignificar a relação com o medo é um chamado à maturidade e à sobriedade, chamado semelhante ao que precisa ser feito para a humanidade aprender a lidar com as diversas crises sociais e ambientais que batem à sua porta e são fruto de suas ações. Para os Pataxós, o dever de um guerreiro é lutar pelo bem viver de sua comunidade e ativar a linha de responsabilidade intergeracional e interespecies.

Alguns gestos em direção a cura dos sentimentos.

**Processos de limpeza interna, dos corpos
coletivos e com a Terra;**

**Processos de limpeza para harmonização
coletiva e para afetos e emoções individuais;**

**Práticas de liberação de tristezas, angústias,
fraquezas, apegos e projeções;**

**Construção de espaços e práticas coletivas de
resiliência e alegria profunda.**

3

CAPÍTULO

CURA DAS TROCAS

3

Cura das Trocas

A casa construída pelo branco, também chamada em alguns contextos como modernidade ou colonialidade, é fundamentada em um tipo de economia exclusivamente monetária, centrada no ser humano e na acumulação de capital. Para muitas pessoas, em especial para aquelas que acreditam que só existe capitalismo ou socialismo, é impossível sequer imaginar alguma outra possibilidade econômica para fora dessa lógica, limitando-se os esforços críticos (quando existem) a pequenas correções de rota e proposições (muitas vezes ineficazes) de tentar reduzir paulatinamente as desigualdades e injustiças econômicas.

As pesquisas realizadas pela Teia ao redor desta cura vão em uma direção radicalmente diferente, tendo por base um sentido solidário de economia, com enfoque na não acumulação, no amparo

ao próximo e em um modo de reciprocidade relacional que envolve os humanos desta geração, os ancestrais passados e os por vir, assim como os seres não humanos, em especial o trabalho invisibilizado desses.

Ubiraci Pataxó questiona o próprio norte do desenvolvimento nas economias ditas modernas, fracionando a palavra desenvolvimento, e entendendo esse conceito como uma perda gradual do pertencimento, do envolvimento com a Terra, e da confiança em sua capacidade de sustentação de todos nós. A perda dessa confiança e desse envolvimento, argumenta, leva à necessidade de estocar e acumular, o que é radicalmente diferente da abundância oferecida pela Mãe-Terra e a enorme rede de seres e relações que é parte dela. Essa rede vai além dos aspectos materiais, e envolve também processos psicológicos e espirituais. Como ele mesmo explica, "Para os povos Indígenas, a mata é abundante, e o que ela nos serve é o suficiente, até quando ela não nos serve nada."

Essa visão contraintuitiva para as pessoas socializadas na modernidade, é também compartilhada pelo povo Tremembé da Barra do Mundaú. Mateus Tremembé aponta como o ter pouco é capaz de ensinar a cuidar, amparar e a dividir, e a mostrar também que a cura individual não tem serventia, ela precisa ser coletiva. É justamente o dar, o compartilhar, que gera abundância. Esse pensamento, recorrente em vários povos Indígenas, entende a pobreza não como a ausência de bens materiais, mas sim como o não querer compartilhar, o que adiciona camadas além das econômicas às ideias de pobreza e riqueza.

Segundo Mateus, o próprio alimento ensina ao povo essa prática. Na colheita do milho, por exemplo, os melhores milhos não são comidos, mas reservados, secados, e distribuídos para as famílias da aldeia, o que possibilita no ano seguinte 150 famílias comendo os melhores milhos da colheita anterior. O compartilhar como prática de cura reforça a importância de cada ser para nossa sobrevivência, desde os elementos, como ar e água, até as plantas e animais. Ao cuidar da água, por exemplo, e garantir que ela seja compartilhada com

as gerações futuras, estamos oferecendo amparo aos que estão por vir.

O Cacique Ninawá Huni Kui entende a falta de vontade de compartilhar como uma doença, ligada sobretudo a um sentido de separação uns com os outros e da natureza como um todo. Esse sentido de separação, para ele, é uma ilusão, afinal a Mãe- Terra oferece o suficiente para todos viverem dignamente, e o excesso de acúmulo, seja de terras ou de riquezas, produz uma ferida nesse ciclo. Como forma de combate a essa enfermidade, ele entende ser fundamental reaquecer os corações da humanidade, especialmente para o fato de que um irmão, um parente (humano ou não) neste momento, tem sede, tem fome e enfrenta dificuldades, e isso deveria ser uma responsabilidade e uma dor para todos nós.

As relações excessivamente comerciais são uma ferida inclusive para os próprios povos indígenas. Entre o povo Huni Kui, o processo colonial, fundamentalmente o ciclo da borracha, criou a figura do "patrão" dentro das comunidades, que dialogava com os seringalistas e ganhava mais material de trabalho e mais liberdade, mas acabava tirando dos outros.

Esse momento gerou famílias que querem ser mais dominantes politicamente do que outras famílias (o que persiste). A partir da reflexão coletiva de que o trabalho da natureza no território é tanto invisibilizado quanto de valor inestimável, o compartilhar de partes da produção de cada um com sua comunidade, da mesma forma que a Mãe-Terra faz, passou a ser estimulado como uma das práticas de cura das trocas.

O povo Pitaguary aponta que a tradição das trocas dos alimentos é um alicerce no qual muitas outras trocas ocorrem, fortalecendo a comunidade e a sua relação com a Terra. Rosa Pitaguary lembra por exemplo das antigas farinhadas, nas quais o dono da casa de farinha reunia a comunidade para fazer a farinha, e as pessoas levavam de volta para suas casas além do biju, histórias, canções e formas de fazer remédios trocadas entre as mulheres da comunidade. Também a colheita da banana no alto da serra, ou a lavagem de roupas no rio, eram momentos de fortalecimento da comunidade e de amparo àqueles que precisavam.

As histórias se configuram também como trocas intergeracionais, formas dos saberes dos troncos velhos e da mata chegarem às novas gerações. Nadya Pitaguary conta sobre o poço dos caboclos velhos, local de encontro e troca entre os guerreiros caçadores. Nesses lugares, trocavam-se cascas para fazer remédios que vinham de lugares diferentes, e uma série de saberes e relações com a mata.

As trocas com os animais também são uma constante para o povo Pitaguary, construídas a partir de diálogos que envolvem a sensibilidade de perceber os sinais dos animais, desde os avisos dos cães que cuidam da segurança física e espiritual, até a sorte na mata trazida pelos grilos, as tristezas de partida anunciadas pelo pássaro da noite e pela coruja branca e os resultados das batalhas assobiados pelo beija-flor preto. Todas essas trocas e relações são pautadas e apoiadas pela Mãe-Terra, em seu ciclo constante de reciprocidade e abundância. Como conta o Pajé Barbosa, a semente gera frutos, que são comidos, e geram mais sementes. Já a árvore, quando morre vira adubo, mas antes disso oferece sua casca para ser morada do besouro. Em um espaço breve

no tempo presente, entre todos esses frutos, sementes e gerações, vive hoje uma mangueira sagrada, terreiro do povo Pitaguary, e local onde essas relações físicas e espirituais se equilibram.

Yoran Fulni-ô, refletindo sobre equilíbrio e trocas mútuas entre seres e gerações, reforça que a capacidade de se relacionar amplamente com o todo, com a existência em seus planos materiais e espirituais, é uma capacidade intrínseca em todos nós, e que é preciso recuperar essa capacidade naqueles que a perderam. Para o povo Fulni-ô, o grande espírito e os seres da mata respondem com alegria quando vêem as pessoas se ajudando e fazendo trocas de conhecimento, de alimentos e de adornos, pois tudo isso faz parte de princípios de boa convivência, fortalece a união e ajuda a quebrar o sentido de separação presente na modernidade.

Tal princípio é muito ligado ao território do povo, um território seco e árido no nordeste do Brasil, com um inverno (período chuvoso) bastante curto. Sem esse sentido visceral de troca e apoio mútuo ativados, a existência do povo estaria muito mais ameaçada.

Yoran reforça que os maus tratos à mãe natureza têm produzido escassez diversas, como de alimento, em muitos outros territórios, e a solidariedade e o fortalecimento da troca serão fundamentais para fortalecer a existência e a resistência e para reequilibrar o metabolismo da Terra, o que produz alegria aos seres da natureza.

Alguns gestos em direção a cura das trocas.

**Práticas que enfocam a necessidade de
circulação de recursos, a reciprocidade, a
responsabilidade trans-generacional, e a
responsabilidade e reciprocidade
com os encantados;**

**Disposição ao amparo, a trocas econômicas
solidárias e economias não monetárias;**

Cultivar práticas de não acumulação;

**Confrontar o (des)envolvimento e (re)envolver
tudo com tudo e o todo.**

A large, stylized white number '4' is centered on the page. The number is composed of a diagonal stroke for the top bar and a horizontal stroke for the base, with a vertical stem extending downwards from the center of the base.

CAPÍTULO

CURA DAS RELAÇÕES

4

Cura das Relações

A cura das relações perpassa todas as outras curas, uma vez que ela é uma disposição necessária a todas elas. Para caminharmos em direção à cura dos pensamentos, dos sentimentos, das trocas, e do ventre da Mãe-Terra, a forma como as pessoas dentro da modernidade se relacionam uma com as outras, com os próprios pensamentos e sentimentos, com outros povos, com os seres vivos não humanos e com a existência parte do mistério, como os seres espirituais, os encantados e os ancestrais, e com a Mãe-Terra em seu papel de sustentar e possibilitar a existência de vida na Terra precisa mudar radicalmente.

Por isso que o Cacique Ninawá Huni Kui costuma dizer que "uma cura traz a outra". Para ele, as relações do ser humano com a natureza estão sendo perdidas dia após dia, especialmente a capacidade de nos comunicarmos com os outros seres e elementos, com os animais, as plantas e as estrelas. Para os Huni Kui, a sacralidade da relação com a Yube, a jibóia sagrada, ou com outros seres sagrados da floresta, está sendo comprometida quando a natureza é vista somente como recurso, como um bem material, de valor apenas econômico. A importância de uma árvore, em sua sabedoria, mas também no quanto gera de oxigênio, fertilizantes e nutrientes para a Mãe-terra (e para todos nós) não cabe nas formas da sociedade moderna/ocidental/colonial de mensurar valor.

Para os povos indígenas, Cacique Ninawá afirma, a existência não faz sentido sem essa conexão espiritual com os seres não humanos. A música Huni Kui, ligada ao sagrado e ao espiritual, é cantada também para a natureza ouvir.

Assim, quando um curandeiro vai para a floresta retirar uma planta medicinal, a planta também escuta essa música, e isso é parte do processo de cura. A cura das relações depende da sustentação desses saberes e relações, e por isso, é fundamental que os jovens mantenham essa essência viva, pois há sempre um ancião disposto a repassar esses saberes para as futuras gerações e manter pulsante o grande cordão umbilical que nos liga a Terra de geração em geração. Sem esse conhecimento, não há possibilidade de cura, e uma árvore permanecerá sendo vista apenas como madeira.

Mateus Tremembé aprendeu com seus troncos velhos que "quem canta reza duas vezes". Os cantos são também uma forma de cura para o povo Fulni-ô. Através deles, o povo é lembrado por exemplo sobre o papel das entidades não humanas na criação e sustentação da vida. Para eles, essas entidades são as donas de nossos passos na Terra, e não o contrário. Essa proposição é uma lição de humildade, uma forma de ensinar o povo a controlar o ego, e entender que estamos aqui a serviço, e por tempo determinado.

Yoran Fulni-ô entende que a impossibilidade de controlar o tempo nos ensina sobre entrega e integração a uma inteligência coletiva. Para Rosa Pitaguary, respeitar os movimentos e tempos de cada um, sua hora de agir, e sua hora de aceitar, é necessário para processos de reconciliação. Adquirir sensibilidade nessas temporalidades é se relacionar com os outros da forma que são, e não da forma como gostaríamos que fosse. E esse olhar vale também para si mesmo. Construir uma relação profunda consigo mesmo, conhecendo os movimentos de se recolher, voltar ao útero, e refazer a saída é condição para ampliar a capacidade de se relacionar com o todo.

Para Nadya Pitaguary, o tempo é apenas transformação e não fim, porque os corpos e espaços se transformam, mas o universo se mantém. Ao tirarmos os calçados e colocarmos os pés na Terra, nos sentimos Terra, nos percebemos como Terra, e abrimos caminho para sermos planeta e parte do universo.

O universo e o útero se encontram e se espelham, em suas movimentações para gerar a vida. É preciso perceber o grande universo e a relação que temos com ele, mas para isso precisamos nos questionar sobre uma miríade de relações. Qual nossa relação com a Terra? Com os ventos? Com o povo das águas? Com os pássaros? Com nós mesmos?

Pajé Barbosa, do povo Pitaguary, enxerga a lua como vetor desta conexão com o universo, tanto em sua parte iluminada em relação ao sol, quanto na parte escura, no segredo, no silêncio meditativo e na conexão com os ancestrais. Por isso as mudanças de fases da lua são momentos de pajelança, de pedidos e relação com os seres da noite.

Adriana, liderança do povo Tremembé da Barra do Mundaú, considera a relação com a Mãe-Terra parecida com uma relação de troca, expressa nos espaços sagrados e através dos rituais e uso das plantas medicinais. Mas não é apenas isso, essa relação é engrandecida por envolver cuidado e proteção. A Mãe-Terra sustenta e dá orientações para nos fortalecermos. Para se manter vivo, intacto e com força, precisamos estar dentro dessa teia de relações.

Mateus Tremembé, porém, reforça que essa relação depende de continuidade, não basta pedir cura uma vez e abandonar a relação com a Mãe-terra, é preciso continuamente fortalecer essa relação, e seguir trabalhando pelo agora e pelas próximas gerações. Criar e sustentar essas relações leva tempo, e possivelmente mais tempo ainda quando elas são perdidas.

Expandir relações expande também nossos sentidos e capacidade de se relacionar, e permite descobrir as ancestralidades e espiritualidades presentes em nosso território. Para Ubiraci Pataxó, as relações, sentidos e sentimentos estão ligadas de forma bastante íntima. Os sentimentos são o que une, a cola das relações, e os processos de cura precisam do encontro com reverência a alteridades, e a humildade de perceber que podemos ser ensinados por outras existências humanas e não humanas e alimentar-se física e espiritualmente desses encontros.

Alguns gestos em direção a cura das relações.

Interromper a hiper-individualização através de práticas de afirmação de nosso estado como parte integral da natureza;

Cultivar relações de respeito, humildade e generosidade com outros humanos, com outros seres vivos, com os encantados e com a Terra;

Práticas para fortalecer o sentido de pertencimento visceral com a Terra sem necessidade de entendimento ou idealização;

Responsabilidade com a vida de todos os parentes, dos encantados e das próximas gerações.

5

CAPÍTULO

CURA DO VENTRE DA MÃE-TERRA

5

Cura do ventre da Mãe-Terra

*Nós Tremembé acreditamos
Em deus que é nosso pai tupã
Na Terra que é nossa mãe
Na mata que é nossa vida
Na lua e nas estrelas que são nossas
energias
No sol que é nossa luz
No trovão e no relâmpago que são
nossas previsões
Nas pedras e nos astros que são nossas
armas
No fogo que é a nossa visão
E em toda atmosfera
Vivemos da força da Terra
que nos dá energia para lutar e vencer
nossas batalhas
Por isso somos povo da luta
Por isso somos povo Tremembé
Assim seja*

(Oração do Povo Tremembé da Barra do Mundaú)

A cura do ventre da Mãe-Terra precisa ser entendida em primeira instância como uma cura relacional. Se de fato podemos pensar em uma Terra adoecida pela ação humana, é sobretudo nossa relação, especialmente o compromisso com a Terra e com a continuidade da vida, que precisam ser curados. Neste sentido, a rede de proteção à vida e à Terra precisam ser retecidas, desde a proteção das Terras, do solo e das águas, até as garantias de soberania de água e alimentar para as populações que protegem a Mãe-Terra.

Essa proteção e repactuação com a Mãe-Terra possui também uma dimensão imaterial, trabalho realizado pela espiritualidade e a relação de reciprocidade estabelecida com esse grande metabolismo vivo do qual somos parte, em suas várias nomenclaturas e formas de tentar compreendê-lo (e apreendê-lo), com as ancestralidades e o grande cordão umbilical que conecta as várias gerações, como diz o povo Huni Kui, e com os encantados em suas diversas formas e manifestações.

Mateus Tremembé considera que a energia de cura vem sempre da Mãe-Terra, através das plantas sagradas, de suas raízes, folhas e caules, das medicinas tradicionais e dos seres de luz. A Mãe-Terra é quem dá a força e a energia para lutar, não apenas pelos que estão habitando a Terra agora, mas pelas gerações porvir também. A forma de se referir aos anciãos como os troncos velhos, e aos jovens como os brotos da Terra, dá a dimensão da relação com a Terra para o povo Tremembé e nos aponta alguns caminhos de cura.

Como ele mesmo explica, "Na minha aldeia a gente tem uma lógica de que os troncos velhos, que são os nossos idosos, eles já são as árvores porque já deram frutos e nós jovens, somos os brotos da Terra, porque no processo de colonização dizimaram nossas populações indígenas, principalmente aqui da Região Nordeste do país. Cortaram nossas raízes, cortaram nossas forças, cortaram nossos galhos, cortaram nossos caules mas esqueceram de arrancar a raiz (da Terra). Então eles esqueceram de tirar a essência que tinha na Mãe-Terra."

A iminência política da cura do ventre da Mãe-Terra leva Mateus a propor a necessidade de adubar a sociedade da mesma forma que o agricultor aduba as plantas, e chama atenção para a centralidade da espiritualidade indígena nesse processo. Aqui novamente ele reforça o canto como veículo de conexão com os ancestrais, os encantados e com a Mãe-Terra.

Para Ubiraci Pataxó, apesar de falarmos da Mãe-Terra como uma entidade ou algo que está fora, ela não pode ser compreendida nem tocada a partir de uma posição de distanciamento. Só podemos nos relacionar com a Mãe-Terra de dentro, como participantes das ações e processos, e nunca como observadores. Ao se observar uma árvore por dentro, por exemplo, percebemos que a confiança da árvore não está em suas partes mais frondosas, nos galhos e folhas, que se quebram facilmente ao vento, mas sim em suas raízes, na parte agarrada ao solo, ao terreno no qual se pisa.

Para isso, porém, é preciso conhecer este solo, e recuperar a relação com o território e os diversos seres ali presentes. Sem essa relação, não é possível entregar-se da forma necessária para trabalhar em direção à cura da Mãe-Terra.

Ubiraci ainda faz uma ressalva: A Mãe-Terra não está nem nunca esteve doente, mas sim sendo generosa e permitindo à humanidade corrigir o seu próprio rumo. Também Yoran Fulni-ô ressalta as qualidades de generosidade e reciprocidade presentes nesta relação, e que o dar sem pedir retorno traz uma disposição para a humildade em todos nós, conforme o desejo do grande espírito ao criar a Terra.

Nadya Pitaguary também nos enxerga como as grandes árvores, que precisam da nutrição e firmeza fornecidas pelo solo. Por isso, os círculos femininos realizados pelas Pitaguary encaram a espiritualidade das mulheres a partir da relação com a mãe Tapuia, encantada que representa o útero do Terra, e que é reverenciada nas cerimônias dedicadas a nutrir e gerar fecundidade a todas as formas de vida.

O poder da ancestralidade feminina presente nas parteiras, rezadeiras e benzedadeiras, para Rosa Pitaguary, é nutrido pelas suas relações com as plantas, encantados e ritos, como os banhos e cerimônias.

Para o Cacique Ninawá Huni Kui, o conhecimento sobre as medicinas da floresta é fundamental para qualquer possibilidade de cura. Os chás, banhos e defumações podem ajudar a nos manter saudáveis, uma vez que as enfermidades que enfrentamos não estão apenas ligadas ao corpo físico, mas também a pensamentos e um corpo espiritual doente. Para quem está disposto a ouvir, e tiver humildade para receber os ensinamentos, as medicinas são professoras dispostas a auxiliar no processo de cura.

Os Huni Kui entendem, porém, que algumas florestas têm medicinas ruins também, e que derrubadas e queimadas nessas áreas espalham essas medicinas, causando o adoecimento de pessoas, da Terra e das águas. Por isso, apesar das possibilidades de curas espirituais, do pensamento, do sentimento, das relações e das trocas, não haverá cura de verdade enquanto a destruição da Mãe-Terra não cessar.

No Acre, estado onde estão boa parte das terras nas quais vivem os Huni Kui, as estações do ano deixaram de existir, não se sabe mais quando os rios vão alagar, quando virá a seca, o frio, e assim o que se dá do que se planta diminui cada vez mais.

Os rios estão poluídos, os peixes rareando, e a insegurança não é apenas alimentar, mas também de água (em plena Amazônia).

Como parte da Mãe-Terra, o ser humano também sentirá essas transformações nela. Não somos diferentes das famílias dos vegetais, e o corte das árvores mães impacta também seus filhos. A ausência de raízes, de relação com os ancestrais e com nossos parentes não humanos têm cobrado, e irá cobrar, um preço alto.

Por isso, uma reeducação e re-sensibilização da humanidade é fundamental. Ninawá considera muito importante trabalhar nas comunidades e nas pessoas em geral essa compreensão da natureza como uma grande mãe, que produz vida e que é responsável pela nossa vida, e de onde tiramos nossa existência material e espiritual. Através dessa compreensão, da relação com a medicina e a espiritualidade as pessoas poderão ser curadas e fortalecidas.

Alguns gestos em direção a cura do ventre da Mãe-Terra.

Proteção à terra e aos
territórios (incluindo a
necessidade de demarcação)

Segurança alimentar para
todos os seres

Proteção e dignidade da água
e do solo

Cura metabólica através da
compostagem e das oferendas

Reafirmar compromisso com a
Terra, os anciões, os
encantados e a continuidade
da vida.

6

CAPÍTULO

SOBRE O PROJETO

6 Sobre o Projeto

A pesquisa que dá origem a esse livro teve início em 2017, com enfoque em crise ambiental e em justiça global. Esse projeto teve como preocupação desafiar ideias limitadas do bem comum, repensar práticas tradicionais de produção e valorização de conhecimento, resistir a noções coloniais de progresso e desenvolvimento e cultivar respeito, reverência, responsabilidade e reciprocidade com os saberes Indígenas, seus guardiões e a relação com o metabolismo e a biodiversidade do planeta.

A agenda e a rede de pesquisa se consolidaram em um encontro em Maio de 2019 na Aldeia Monguba, do povo Pitaguary, no município de Pacatuba, Ceará, nordeste do Brasil. Intitulado, *Desatando o nó da separação ilusória entre o ser humano e a natureza: desenrolando a corrente da responsabilidade*, esse encontro concretizou a rede *Teia das 5 Curas*. *A rede foi assim nomeada a partir da percepção dos povos indígenas presentes neste encontro de que as várias crises ecológicas, econômicas e sociais que enfrentamos são doenças*

causadas pela humanidade, fruto das relações violentas entre os seres humanos, com os seres não humanos e com o metabolismo da Terra, entidade viva do qual somos todos parte, referenciada como uma grande mãe provedora, a Mãe-Terra.

Como desdobramento desse encontro, outros dois encontros/cerimônias foram realizados com toda a rede, em Outubro de 2019 e Março de 2020, além de diversos outros momentos de troca entre os pesquisadores da Teia, incluindo participação de indígenas brasileiros em eventos na Universidade da Colúmbia Britânica, em Vancouver, no Canadá, e o testemunho de festas/cerimônias como a festa do Murici e Batiputá, realizado pelo povo Tremembé da Barra do Mundaú na aldeia São José. Também foram realizados encontros online durante a pandemia de Covid, incluindo eventos e atividades relacionados ao Marco Temporal, e a presença de uma robusta delegação da Teia no acampamento/protesto realizado em Brasília, entre 22 e 28 de Agosto de 2021, intitulado "Luta pela Vida".

Além destes, esse livro é fruto dos saberes ancestrais, da encantaria e dos troncos velhos,

e da forma como seus ensinamentos resistem e são transmitidos através da relação com a Terra e os alimentos, dos cantos, rezos e cerimônias, das raízeiras e suas garrafadas, e da escuta dos saberes transmitidos pelas entidades não humanas como as plantas, os rios, as dunas, as florestas, os animais e os encantados.

Essa cartilha também é produto das formas hegemônicas de saber validadas pelas instituições da modernidade/colonialidade, como a universidade, e teria formas e direções muito distintas caso esse trabalho pudesse se manter apenas nas formas e sensibilidades que construíram o cerne do "trabalho de campo": os rituais, cantos, medicinas e o fortalecimento das relações.

Os processos vistos como de cura pelos povos participantes da Teia não são coisas a serem feitas uma vez, mas práticas contínuas de harmonização e equilíbrio com a Terra, os seres visíveis e os seres invisíveis (encantados). Assim, é importante não nos aproximarmos das curas como algo a ser consumido e esgotado, e lembrarmos que a forma como nos relacionamos com esses saberes também podem reproduzir padrões construídos a partir de hábitos nocivos da modernidade.

Pesquisadores e participantes

Embora baseado em saberes e aprendizados recebidos pelas suas próprias ancestralidades e territórios, e também a partir da troca entre os povos, este projeto teve alguns pesquisadores principais dentro de cada comunidade, abaixo referenciados:

Povo Fulni-ô

Yoran Fulni-ô

Povo Huni Kui

Cacique Ninawá Huni Kui

Povo Pataxó

Ubiraci Pataxó

Povo Pitaguary

Benício Pitaguary

Nadya Pitaguary

Rosa Pitaguary

Pajé Barbosa Pitaguary

Povo Tremembé da Barra do Mundaú

Adriana Tremembé

Mateus Tremembé

O projeto contou com o apoio da University of British Columbia (UBC) e com o trabalho e colaboração dos membros do coletivo Gestos Rumo a Futuros Decoloniais (GDTF) na organização do conteúdo: Vanessa Andreotti, Dino Siwek, Camilla Cardoso, Azul Carolina Duque, Sharon Stein, Dani D'Emilia, Rene Susa, entre outros.

Capa e imagens internas: Benício Pitaguary

Trabalho realizado entre 2019 e 2022 e livro publicado em Setembro de 2023, no Brasil.

Este livro foi publicado com o apoio da Fundação Musagetes, como parte do compromisso da organização com o trabalho em direção ao entrelaçamento.



